

Análise dos dados – P4. Linguagem de privacidade (taxonomia)

1. Dados das entrevistas

Variável dependente – Participante

P4.V1.1

P4.V1.1 – P1ULSNA#01	Principalmente na facilidade da passagem da mensagem. Julgo que estas questões, para funcionarem, deve existir sensibilização, porque muitas vezes estamos a falar de uma forma muito empírica, muito genérica, que não permitem que a mensagem passe de forma correta. O recetor recebe algo totalmente diferente. Se tivermos um vocabulário próprio para as questões da privacidade, conhecido por todas as partes, fica facilitado o processo de passagem da mensagem e uma maior sensibilização.
P4.V1.1 – P2ULSNA#02	É uma excelente pergunta, como existem até linguagens próprias para a área médica – HL7 – poderia, tal como acontece na segurança, a definição de termos facilitava a sua execução, efetivamente seria uma mais-valia e tem que ser das primeiras coisas a desenvolver. Tenho consciência que as pessoas têm dificuldade em falar da privacidade, não só dentro da área técnica, como do lado dos utilizadores.
P4.V1.1 – P2ULSNA#03	A identificação e resolução de problemas neste domínio seriam mais rápido. Facilitava, e de que maneira, a compreensão deste problema.
P4.V1.1 – P4ULSNA#06	Sem dúvida que o trabalho sobre estas questões, seria mais fácil. Apesar de a montante já existir legislação estabelecida, penso que existe aqui uma desatualização decorrente da não existência de uma linguagem comum, massificada.
P4.V1.1 – P1USF#01	Por um lado as pessoas falavam com maior facilidade sobre determinados aspetos de segurança, tendo a noção do significado que cada uma dessas especificações se referiam. E por outro lado ajudaria a classificar níveis de segurança. Seria mais fácil especificar regras de privacidade.
P4.V1.1 – P2USF#02	Quando todos falam a mesma língua é mais fácil, e quando todos percebem é mais fácil! Não sei se é imperativo para que as coisas aconteçam. Acho que a normalização nunca fez mal a ninguém. Facilita. Eu tenho normalização para tudo como por exemplo para os nomes de máquinas. Já que temos taxonomias em segurança, porque não também em privacidade, já que assim todos sabemos do que estamos falar. Se a pessoa responsável pelos sistemas utilizar um termo difícil (chavão), tem dificuldade em apresentar o assunto aos gestores. Esta taxonomia facilitava esta comunicação.
P4.V1.1 – P4USF#05	Sinto que os médicos, especialmente os mais jovens, têm que ser muito alertados para estes problemas. O médico mais antigo, tinha a privacidade mais em consideração, mais em mente. Uma linguagem que pudesse passar às pessoas, por exemplo o que significa consentimento, estas poderiam ficar mais bem preparadas. Apesar de quando nós pedimos um consentimento informado, vem lá tudo escrito. Tudo que seja para melhor, para proteger, eu acho que deve ser incrementado.
P4.V1.1 – P1INEM#01	Apesar de não ser de fácil desenvolvimento, a sua divulgação facilitava principalmente as questões de planeamento. Dava garantia à instituição quando adota ou está a pensar adotar determinada tecnologia na verificação deste requisito que é assumido logo de

	<p>início. Facilitava também o trabalho do fornecedor de soluções, que teria que estar adaptado às regras existentes. Passa a ser mais transparente.</p>
P4.V1.1 – P2INEM#03	<p>Seria vantajosa uma taxonomia destas. Isto porque alguns conceitos existem, mas uma definição clara destes conceitos e por exemplo a legislação em torno destes conceitos, ainda estão um pouco abaixo daquilo que seria necessário.</p> <p>Na prática por exemplos íamos de encontro à definição dos planos de contingência. Conseguiríamos criar com alguma facilidade bases e regras. Consigo definir regras objetivamente. É ter algo concreto com que trabalhar.</p>
P4.V1.1 – P2INEM#04	<p>Eu penso que este é um problema, ao qual tem que ser dada muito mais atenção, do que a que tem sido dada até aqui. Não sei se já estamos a dar os primeiros passos. Basicamente nós estamos ainda a começar a tomar consciência dum grande problema. Uma taxonomia poderia criar de facto outras garantias, o problema ficava mais objetivo, e facilitava que as pessoas percebessem a questão da privacidade com mais objetividade o que facilitava depois a evolução do problema, de políticas de privacidade.</p>
P4.V1.1 – P2INEM#09	<p>Tenho a impressão que isto aqui, pelas razões que eu disse há pouco, nunca foi uma preocupação muito grande, porque desde logo, ao não haver recolha da identificação [do utente] não existe depois o risco de haver fugas. Este risco de fugas pode existir, mas não passa pela via eletrónica. Mas pensando mais no futuro, abstraindo a situação real, em que podemos vir a ter outras situações de partilha de dados [identificados], vai ser necessário de alguma forma desenhar mais política de privacidade sobre esses dados. É necessário perceber até onde a privacidade tem que ir. A privacidade de que dados? De toda a informação o que é necessário que seja protegido [que não seja conhecido]? Qual é a sensibilidade dos dados? São privados, são públicos? Existem muitos dados, em que eu próprio não sei o que é importante e que se continue como reservado. Ou do que é importante que até seja público. Isto requer um estudo avançado destas questões. É necessário encontrar palavras-chave que permitam caracterizar estas situações com mais facilidade. Quer em termos estatísticos que em termos clínicos é muito importante cruzar dados [...]. Até onde é que eu posso ir? Onde vou começar a invadir a privacidade da vítima? É necessário definir regras para estas situações.</p>
P4.V1.1 – P2INEM#10	<p>Mesmo em segurança, são muitas as propostas de taxonomias, e não são muito divulgadas. Fala-se muito de métodos de encriptação e pouco mais.</p> <p>Uma taxonomia em privacidade integrada na de segurança permitiria criar uma norma, o que é já uma vantagem. É sempre bom quando existe uma norma. Seria muito mais fácil, mais objetivo, falar destas questões, implementá-las e inclusive transportá-las [para outras organizações]. Seria mais fácil comunicar a aplicação da norma.</p>
P4.V1.1 – P4INEM#08	<p>Em teoria uma taxonomia de privacidade poderia facilitar todo o processo. Em teoria diria que sim. A minha experiência noutros projectos que iniciei demonstrou-me a dificuldade de se passar à prática. Não sei se esta taxonomia, termos ou definições, não deve nascer da implementação, à medida que se implementa vai crescendo esta ferramenta. Se vamos tentar desenvolver antes, pode vir a ser uma coisa quase académica e não prática.</p>
P4.V1.1 – P1HFF#01	<p>A existência de um vocabulário mais desenvolvido ao nível a segurança, facilita o desenvolvimento de medidas de segurança. As pessoas quando falam em segurança associam sempre às tecnologias de informação. Uma taxonomia ao nível da privacidade é um conceito muito importante – permitiria às pessoas conseguirem distinguir e perceber estas questões e não estarem sempre a associar estas questões com a segurança. Este conceito pode e deve estar relacionado com o conceito de nomenclatura que já falamos.</p>

P4.V1.1 – P2HFF#02	Levava a um maior entendimento entre as pessoas. Aquilo que eu vejo, a privacidade dos dados é um tema que leva a muita discussão, em que muitas vezes as pessoas estão a usar os mesmos conceitos mas a falar de forma diferente. Não se entendem. Existindo um vocabulário comum talvez diminuísse as dificuldades (mal-entendidos). Facilitava todo o processo. O partir para a prática na definição de políticas de privacidade.
P4.V1.1 – P2HFF#03	Eu julgo que faz falta uma taxonomia, um conjunto de termos em privacidade. Por um lado para que se possa normalizar ao mesmo nível os diferentes hospitais. Porque nestes problemas o que se passa é que alguns hospitais podem estar muito adiantados em termo de maturidade e implementação, e outros estão na “era das cavernas”. E aquilo que deveria ser apanágio é conseguir-se ter sempre um padrão, e aqui a taxonomia ajuda, um modelo a que os hospitais possam no fundo seguir. Era muito interessante. Nós em relação ao processo clínico para além daquilo que a DGS indica, que é mínimo comparado com as necessidades reais, somos nós a desbravar o que achamos que é importante, o que achamos que devemos fazer. Na privacidade deveria ser igual. Ou seja, o correto era existir alguma orientação sobre aquilo que são as boas práticas, no fundo mapear a privacidade.
P4.V1.1 – P4HFF#05	Penso que a privacidade está bem definida. É tão importante este vocabulário como a definição desse vocabulário. Quando se fala em eliminação de dados, existe a dúvida, como é que se elimina um registo. Ou seja a tradução de eliminação para este domínio poderia ajudar como terminologia. Se existisse uma terminologia bem clara sobre estas questões da privacidade facilitava-me por exemplo a decisão sobre a aquisição e a especificação dos sistemas. A existir deve ser uma terminologia global, partilhada entre as organizações.
P4.V1.1 – P1SPMS#02	É importante definir esta taxonomia e implementa-la. Permitiria ter uma noção clara da privacidade, a que é que corresponde. Poderíamos facilitar a vida às instituições na definição de medidas.
P4.V1.1 – P2SPMS#03	Eu acho que seria útil. Existem já algumas normas a ser trabalhadas na área da privacidade e que pressupõem algum tipo de cuidados a ter nos próprios sistemas. Uma taxonomia seria fundamental neste trabalho. Quanto aos dados faltam termos claros que ajudem a compreender a privacidade. Em segurança isto é fácil, em privacidade é mais complicado. Não temos termos unificadores, como são o caso da integridade e confidencialidade no domínio da segurança.
P4.V1.1 – P2SPMS#04	Sim se esta contempla-se por exemplo os vários tipos de dados. Ajudaria as pessoas a distinguir os diferentes tipos de privacidade. Com uma terminologia mais facilmente conseguia-mos saber ou trabalhar em termos de sistemas de informação a segurança, a classificação dos dados, o acesso, os perfis, a ligação dos perfis com os dados, o cruzamento de dados.
P4.V1.1 – P4SPMS#05	Acho que um glossário com os vários termos, e as pessoas discutirem os termos, é um exercício ele próprio pedagógico. Termos uma taxonomia explícita nesta fase em que a própria sociedade ainda não tem muito claro os seus conceitos, e eles próprios são dependentes dos ambientes culturais e subculturais em cada momento da história e do indivíduo, não sei se ajuda muito [uma taxonomia].
P4.V1.1 – P1HES#01	Uma taxonomia própria facilitava depois o desenho de política de privacidade. Para desenhar uma solução. Em segurança temos uma taxonomia já muito desenvolvida, com termos que no facilitam muito o desenho de medidas de segurança.
P4.V1.1 – P2HES#02	Mesmo na área da segurança onde já existe um vocabulário bem desenvolvido, existe muita falta de segurança. Na privacidade é

	semelhante. Fala-se muito em privacidade, mas ninguém consegue dizer, consegue definir o que é a privacidade. Definir o que temos que fazer para termos privacidade. E termos garantia que a privacidade é aplicada. Ainda fazemos muito pouco a este nível. Uma taxonomia permitiria que as questões da privacidade fossem mais objetivas. Permitiria perceber quais os itens que têm que ser considerados na privacidade dos dados.
P4.V1.1 – P2HES#03	Uma taxonomia ajudava por exemplo a quem esteja a trabalhar num plano de contingência, num plano de segurança a este nível. Para eu estar a falar com outro técnico ou com alguém, acaba por ser quase uma linguagem técnica. Para quem está a tentar caracterizar o contexto, a definir um método de proteção, um plano de contingência, a utilização destes termos é um facilitador.
P4.V1.1 – P4HES#06	No caso dos registos clínicos isso é muito fácil de fazer. Porque em termos clínicos os médicos sabem perfeitamente distinguir os vários tipos de informação. E portanto seria com certeza muito fácil parametrizar uma aplicação que permitisse acesso a determinado número de dados e não permitisse acesso a outro tipo de dados. O que em cada momento o profissional que regista dados pudesse definir se esse dado pode ser consultado por alguém ou não.
P4.V2.1	
P4.V2.1 – P1ULSNA#01	A nível técnico permitiria o que mesmo que qualquer standard vem trazer. Permitir definir à priori para os sistemas de informação os critérios de uma forma clara, e quando passamos para a fase de partilha de dados, facilita a sua implementação.
P4.V2.1 – P2ULSNA#02	A definição de perfis fica facilitada, regras, grelhas de acesso, não só para os técnicos como também para os próprios utentes. Permitiria padronizar a defesa enquanto área técnica. Seria mais fácil compreender a delegação de competências no domínio da privacidade. Mesmo que se quisesse fazer uma análise de determinado evento a falta de um dicionário, levanta-nos um problema à partida – estamos a lidar com coisas em que não temos um dicionário, uma linguagem própria para o saber fazer, o saber analisar. Enquanto no domínio da segurança consigo identificar que equipamentos, protocolos e portas foram usados, saber o que foi usado (dados), é muito mais difícil. É o caso do consentimento, que não é simples e necessita de clarificação ao nível dos responsáveis dos sistemas de informação.
P4.V2.1 – P2ULSNA#03	Mais diretos e objetivos, e uma menor perda de tempo.
P4.V2.1 – P1USF#01	Julgo que sim ajudaria imenso as organizações. Poderia á semelhança do que acontece na segurança facilitar o trabalho dos profissionais.
P4.V2.1 – P2USF#02	Poderia agilizar as medidas de proteção quando as instituições estão a partilhar dados. Tudo pode ser mais objetivo, mais prático, mais rápido.
P4.V2.1 – P1INEM#01	Havendo uma taxonomia partilhada, nitidamente era depois mais fácil, todos em conjunto, desenvolver a proteção da privacidade. Passava a ser um requisito obrigatório. Tal como na segurança existia um conjunto de palavras-chave que nos facilitava a definição de políticas de proteção.
P4.V2.1 – P2INEM#03	Se tivermos regras bem definidas para a partilha de dados, significa que temos linhas orientadoras a seguir. Era mais fácil

	homogeneizar aquilo que podem ser regras de proteção de dados.
P4.V2.1 – P2INEM#04	A vantagem é que assim, a priori, é que diferentes organizações poderiam tratar problemas diferentes que chamassem à atenção para factos que isoladamente, nós não temos essa sensibilidade. De alguma forma facilitava o desenvolvimento das questões da privacidade, haveria a possibilidade de identificar problemas e um conjunto maior de soluções, do que se cada um trabalhar de forma isolada. As pessoas têm alguma dificuldade em falar destas questões e em coloca-las em medidas práticas.
P4.V2.1 – P2INEM#09	Uma linguagem comum certamente que sim, facilitava o desenho de regras de utilização dos dados. Parece-me a mim que a dificuldade está em encontrá-las, em as definir. É necessário um trabalho dentro desta área. O efeito prático que poderia ter [uma partilha desta taxonomia] era poder-se avaliar um conjunto de situações que levassem toda a gente tivesse procedimentos iguais, que seguisse procedimentos iguais.
P4.V2.1 – P2INEM#10	Em primeira instância, facilitava o diálogo [entre os responsáveis das várias organizações]. Sempre que haja regras, neste caso globais, as coisas são mais facilmente implementáveis. No concreto teríamos à partida uma maior segurança na partilha de dados e acima de tudo uma melhor forma de o fazer.
P4.V2.1 – P1HFF#01	Tem um impacto positivo. É importante ao desenvolvimento conjunto de análises e desenvolvimento de soluções. Por exemplo ao nível de impacto sobre a privacidade.
P4.V2.1 – P2HFF#02	Se localmente já é difícil harmonizar estas questões, com outras organizações é muito mais difícil. De alguma forma em segurança, a definição conjunta de políticas é mais facilitada. Existindo esta taxonomia esta tarefa ficava muito facilitada. Para já internamente permitiria alinhar toda a organização no mesmo sentido. Dada a dificuldade de interoperabilidade entre organizações, de alinhamento com outras organizações, isto porque internamente se encontra dividida, uma taxonomia facilitava este trabalho. Poderia ser mais ágil na tomada de medidas. Se é detetado um problema de segurança, de uma forma ágil se conseguem definir medidas. O mesmo deveria acontecer quando à privacidade. Uma taxonomia facilitava assim o entendimento dos procedimentos relacionados com a privacidade dos dados, do entendimento do problema e depois partir para a prática.
P4.V2.1 – P2HFF#03	Uma taxonomia destas, consensual, comum a todas as organizações em termos de partilha de dados, poderia de alguma forma agilizar este trabalho.
P4.V2.1 – P1SPMS#02	Poderia ajudar a padronizar as melhores medidas dentro e para o conjunto das instituições. Ao falarmos todos com os mesmos termos, facilitava a padronização.
P4.V2.1 – P2SPMS#03	Para o ambiente de partilha de dados, como é o caso da PDS, uma taxonomia partilhada entre todas as instituições seria vantajoso. Até para os próprios sistemas, e para a interoperabilidade entre eles. Ainda estamos longe disto, porque ainda não se verifica a existência destes termos para os sistemas de informação, quanto mais para a integração e interoperabilidade. Apesar de ser um conceito que não é valorizado por toda a gente. As pessoas olham para o negócio, para aquilo que querem desenvolver e vão em frente. Existe algum investimento na interoperabilidade técnica e quanto à interoperabilidade mais organizacional, as coisas funcionam mal. As pessoas têm alguma dificuldade em colaborar com outras organizações. O sucesso na partilha de dados entre organizações depende desta colaboração. Só assim o sistema pode crescer como um todo.
P4.V2.1 – P2SPMS#04	Permitiria às pessoas desenvolver medidas mais objetivas, mais práticas no que toca à proteção dos dados. Otimizava e

	beneficiava a troca de informação.
P4.V2.1 – P1HES#01	Facilitava depois aquilo que é as pessoas falarem destas questões. Ao utilizarmos um determinado termo para designar uma determinada coisa, estamos todos a falar do mesmo. O que acontece hoje é que as pessoas falam diferente. Não há comunicação possível nesta matéria.
P4.V2.1 – P2HES#02	Era mais fácil alinhar políticas de privacidade com uma taxonomia. Sem dúvida que sim. Seríamos mais eficientes a passar dados entre instituições e na forma como esses dados são passados. Nas garantias desses dados. Seria tudo mais uniforme.
P4.V2.1 – P2HES#03	Uma taxonomia aqui facilitava também a definição e entendimento de medidas. As bases de dados hoje em dia utilizam o protocolo HL7 para comunicação. Na privacidade uma taxonomia acaba por ser semelhante. Haver uma nomenclatura facilitava a comunicação entre organizações.

2. Data Reduction

P4.V1.1	É importante a utilização de uma taxonomia À semelhança da segurança, é necessário desenvolver uma taxonomia de suporte ao desenvolvimento de medidas de proteção da privacidade dos dados	Benefícios para a privacidade dos dados Aspetos que podem ser beneficiados na gestão da privacidade dos dados dentro da organização
<i>Padrão encontrado</i>	“Principalmente na facilidade da passagem da mensagem” (P4.V1.1 – P1ULSNA#01)	“Se tivermos um vocabulário próprio para as questões da privacidade, conhecido por todas as partes, fica facilitado o processo de passagem da mensagem e uma maior sensibilização” (P4.V1.1 – P1ULSNA#01)
Terminologia	“[...] poderia, tal como acontece na segurança. [...] efetivamente seria uma mais-valia e tem que ser das primeiras coisas a desenvolver” (P4.V1.1 – P2ULSNA#02)	[...] a definição de termos facilitava a sua execução” (P4.V1.1 – P2ULSNA#02)
Facilitava/facilitador	“Facilitava, e de que maneira, a compreensão deste problema” (P4.V1.1 – P2ULSNA#03)	“A identificação e resolução de problemas neste domínio seriam mais rápido” (P4.V1.1 – P2ULSNA#03)
Noção de privacidade	“Apesar de a montante já existir legislação estabelecida, penso que existe aqui uma desatualização decorrente da não existência de uma linguagem comum, massificada” (P4.V1.1 – P4ULSNA#06)	“[...] as pessoas falavam com maior facilidade sobre determinados aspetos de segurança, tendo a noção do significado que cada uma dessas especificações se referiam” (P4.V1.1 – P1USF#01)
Segurança	“Seria mais fácil especificar regras de privacidade” (P4.V1.1 – P1USF#01)	“Uma linguagem que pudesse passar às pessoas, por exemplo o que significa consentimento, estas poderiam ficar mais bem preparadas” (P4.V1.1 – P4USF#05)
Dados	“Quando todos falam a mesma língua é mais fácil, e quando todos percebem é mais fácil!” (P4.V1.1 – P2USF#02)	“[...] a sua divulgação facilitava principalmente as questões de planeamento” (P4.V1.1 – P1INEM#01)
Agilidade	“Já que temos taxonomias em segurança, porque não também em privacidade, já que assim todos sabemos do que estamos falar” (P4.V1.1 – P2USF#02)	“[...] e facilitava que as pessoas percebessem a questão da privacidade com mais objetividade o que facilitava depois a evolução do problema, de políticas de privacidade” (P4.V1.1 – P2INEM#04)
	“Seria vantajosa uma taxonomia destas. Isto porque alguns conceitos existem, mas uma definição clara destes conceitos e por exemplo a legislação em torno destes conceitos, ainda estão um pouco abaixo daquilo que seria necessário” (P4.V1.1 – P2INEM#03)	“É necessário perceber até onde a privacidade tem que ir. A privacidade de que dados? De toda a informação o que é necessário que seja protegido [que não seja conhecido]? Qual é a sensibilidade dos dados? São privados, são públicos?” (P4.V1.1 – P2INEM#09)
	“Uma taxonomia poderia criar de facto outras garantias, o problema ficava mais objetivo [...]” (P4.V1.1 – P2INEM#04)	“Seria muito mais fácil, mais objetivo, falar destas questões, implementá-las e inclusive transportá-las [para outras organizações]. Seria mais fácil comunicar a aplicação da norma” (P4.V1.1 – P2INEM#10)
	“É necessário encontrar palavras-chave que permitam caracterizar estas situações com mais facilidade” (P4.V1.1 – P2INEM#09)	“[...] permitiria às pessoas conseguirem distinguir e perceber estas questões e não estarem sempre a associar estas questões com a segurança” (P4.V1.1 – P1HFF#01)
	“Mesmo em segurança, são muitas as propostas de taxonomias, e não são muito divulgadas” (P4.V1.1 – P2INEM#10)	“Facilitava todo o processo. O partir para a prática na definição de políticas de privacidade” (P4.V1.1 – P2HFF#02)
	“Não sei se esta taxonomia, termos ou definições, não deve nascer da implementação, à medida que se implementa vai crescendo esta ferramenta” (P4.V1.1 – P4INEM#08)	“Por um lado para que se possa normalizar ao mesmo nível os diferentes hospitais” (P4.V1.1 – P2HFF#03)
	“Uma taxonomia ao nível da privacidade é um conceito muito importante” (P4.V1.1 – P1HFF#01)	“E aquilo que deveria ser apanágio é conseguir-se ter sempre um
	“[...] a privacidade dos dados é um tema que leva a muita discussão,	

em que muitas vezes as pessoas estão a usar os mesmos conceitos mas a falar de forma diferente. Não se entendem” (P4.V1.1 – P2HFF#02)	padrão, e aqui a taxonomia ajuda, um modelo a que os hospitais possam no fundo seguir. Era muito interessante” (P4.V1.1 – P2HFF#03)
“Eu julgo que faz falta uma taxonomia, um conjunto de termos em privacidade” (P4.V1.1 – P2HFF#03)	“[...] o correto era existir alguma orientação sobre aquilo que são as boas práticas, no fundo mapear a privacidade” (P4.V1.1 – P2HFF#03)
“É tão importante este vocabulário como a definição desse vocabulário” (P4.V1.1 – P4HFF#05)	“[...] facilitava-me por exemplo a decisão sobre a aquisição e a especificação dos sistemas” (P4.V1.1 – P4HFF#05)
“A existir deve ser uma terminologia global, partilhada entre as organizações” (P4.V1.1 – P4HFF#05)	“Permitiria ter uma noção clara da privacidade, a que é que corresponde. Poderíamos facilitar a vida às instituições na definição de medidas” (P4.V1.1 – P1SPMS#02)
“É importante definir esta taxonomia e implementa-la” (P4.V1.1 – P1SPMS#02)	“Ajudaria as pessoas a distinguir os diferentes tipos de privacidade” (P4.V1.1 – P2SPMS#04)
“Eu acho que seria útil” (P4.V1.1 – P2SPMS#03)	“Com uma terminologia mais facilmente conseguia-mos saber ou trabalhar em termos de sistemas de informação a segurança, a classificação dos dados, o acesso, os perfis, a ligação dos perfis com os dados, o cruzamento de dados” (P4.V1.1 – P2SPMS#04)
“Quanto aos dados faltam termos claros que ajudem a compreender a privacidade. Em segurança isto é fácil, em privacidade é mais complicado” (P4.V1.1 – P2SPMS#03)	“Uma taxonomia própria facilitava depois o desenho de política de privacidade. Para desenhar uma solução” (P4.V1.1 – P1HES#01)
“Não temos termos unificadores, como são o caso da integridade e confidencialidade no domínio da segurança” (P4.V1.1 – P2SPMS#03)	“Uma taxonomia permitiria que as questões da privacidade ficassem mais objetivas. Permitiria perceber quais os itens que têm que ser considerados na privacidade dos dados” (P4.V1.1 – P2HES#02)
“Sim se esta contempla-se por exemplo os vários tipos de dados” (P4.V1.1 – P2SPMS#04)	“Uma taxonomia ajudava por exemplo a quem esteja a trabalhar num plano de contingência, num plano de segurança a este nível” (P4.V1.1 – P2HES#03)
“Acho que um glossário com os vários termos, e as pessoas discutirem os termos, é um exercício ele próprio pedagógico” (P4.V1.1 – P4SPMS#05)	“Para quem está a tentar caracterizar o contexto, a definir um método de proteção, um plano de contingência, a utilização destes termos é um facilitador” (P4.V1.1 – P2HES#03)
“Em segurança temos uma taxonomia já muito desenvolvida, com termos que no facilitam muito o desenho de medidas de segurança” (P4.V1.1 – P1HES#01)	
“Fala-se muito em privacidade, mas ninguém consegue dizer, consegue definir o que é a privacidade” (P4.V1.1 – P2HES#02)	

P4.V2.1

Benefícios para a privacidade dos dados

Aspetos que podem ser beneficiados na gestão da privacidade dos dados para o contexto da colaboração

Padrão encontrado

“A nível técnico permitiria o que mesmo que qualquer *standard* vem trazer” (P4.V2.1 – P1ULSNA#01)

Suporte na definição

“Permitir definir à priori para os sistemas de informação os critérios de uma forma clara, e quando passamos para a fase de partilha de dados, facilita a sua implementação” (P4.V2.1 – P1ULSNA#01)

Facilitar a colaboração

“Permitiria padronizar a defesa enquanto área técnica” (P4.V2.1 – P2ULSNA#02)

Agilizar

“Seria mais fácil compreender a delegação de competências no domínio da privacidade” (P4.V2.1 – P2ULSNA#02)

“Mais diretos e objetivos, e uma menor perda de tempo” (P4.V2.1 – P2ULSNA#03)

“Poderia á semelhança do que acontece na segurança facilitar o trabalho dos profissionais” (P4.V2.1 – P1USF#01)

“[...] agilizar as medidas de proteção quando as instituições estão a partilhar dados” (P4.V2.1 – P2USF#02)

“[...] nitidamente era depois mais fácil, todos em conjunto, desenvolver a proteção da privacidade. Passava a ser um requisito obrigatório” (P4.V2.1 – P1INEM#01)

“Se tivermos regras bem definidas para a partilha de dados, significa que temos linhas orientadoras a seguir” (P4.V2.1 – P2INEM#03)

“Era mais fácil homogeneizar aquilo que podem ser regras de proteção de dados” (P4.V2.1 – P2INEM#03)

“[...] facilitava o desenvolvimento das questões da privacidade, haveria a possibilidade de identificar problemas e um conjunto maior de soluções” (P4.V2.1 – P2INEM#04)

“[...] facilitava o desenho de regras de utilização dos dados” (P4.V2.1 – P2INEM#09)

“[...] facilitava o diálogo [entre os responsáveis das várias organizações]” (P4.V2.1 – P2INEM#10)

“No concreto teríamos à partida uma maior segurança na partilha de dados e acima de tudo uma melhor forma de o fazer” (P4.V2.1 – P2INEM#10)

“É importante ao desenvolvimento conjunto de análises e desenvolvimento de soluções. Por exemplo ao nível de impacto sobre a privacidade” (P4.V2.1 – P1HFF#01)

“Dada a dificuldade de interoperabilidade entre organizações, de alinhamento com outras organizações, isto porque internamente se encontra dividida, uma taxonomia facilitava este trabalho. Poderia ser mais ágil na tomada de medidas. Se é detetado um problema de segurança, de uma forma ágil se conseguem definir medidas. O mesmo deveria acontecer quando à privacidade” (P4.V2.1 – P2HFF#02)

“Uma taxonomia facilitava assim o entendimento dos procedimentos relacionados com a privacidade dos dados, do entendimento do problema e depois partir para a prática” (P4.V2.1 – P2HFF#02)

“Uma taxonomia destas, consensual, comum a todas as organizações em termos de partilha de dados, poderia de alguma forma agilizar este trabalho (P4.V2.1 – P2HFF#03)

“Poderia ajudar a padronizar as melhores medidas dentro e para o conjunto das instituições. Ao falarmos todos com os mesmos termos, facilitava a padronização” (P4.V2.1 – P1SPMS#02)

“[...] uma taxonomia partilhada entre todas as instituições seria vantajoso. Até para os próprios sistemas, e para a interoperabilidade entre eles. [...] O sucesso na partilha de dados entre organizações depende desta colaboração. Só assim o sistema pode crescer como um todo. (P4.V2.1 – P2SPMS#03)

“Permitiria às pessoas desenvolver medidas mais objetivas, mais práticas no que toca à proteção dos dados. Otimizava e beneficiava a troca de informação” (P4.V2.1 – P2SPMS#04)

“Facilitava depois aquilo que é as pessoas falarem destas questões. Ao utilizarmos um determinado termo para designar uma determinada coisa, estamos todos a falar do mesmo” (P4.V2.1 – P1HES#01)

“[...] mais fácil alinhar políticas de privacidade com uma taxonomia. Sem dúvida que sim. Seríamos mais eficientes a passar dados entre instituições e na forma como esses dados são passados. Nas garantias desses dados” (P4.V2.1 – P2HES#02)

“Uma taxonomia aqui facilitava também a definição e entendimento de medidas. [...] Haver uma nomenclatura facilitava a comunicação entre organizações” (P4.V2.1 – P2HES#03)

3. Data Display

P4			
Matriz de análise da opinião sobre P4. Linguagem de privacidade (taxonomia)			
<i>Variáveis dependentes</i>	<i>Padrão encontrado</i>	<i>Uma taxonomia partilhada como ferramenta de suporte (É necessário desenvolver uma taxonomia de suporte ao desenvolvimento de medidas de proteção da privacidade dos dados)</i>	<i>Benefícios para a privacidade dos dados (Aspectos que podem ser beneficiados na gestão da privacidade dos dados dentro da organização e para o contexto da colaboração)</i>
<p>P4.v1. Uma linguagem ou taxonomia comum de suporte à definição, justificação e gestão de zonas e situações de privacidade constitui um auxiliar importante para analisar de uma forma clara e inequívoca as questões da privacidade tanto no interior de uma organização como na sua integração com outras organizações.</p>	<p>Terminologia</p> <hr/> <p>Facilitava/facilitador</p> <hr/> <p>Noção de privacidade</p> <hr/> <p>Segurança</p> <hr/> <p>Dados</p> <hr/> <p>Agilidade</p>	<p>Taxonomia vista como um conjunto de termos unificadores, um glossário, um vocabulário em privacidade.</p> <hr/> <p>Reconhecida a importância, utilidade e urgência do seu desenvolvimento.</p> <hr/> <p>Facilitava a definição e compreensão do problema que é a privacidade dos dados.</p> <hr/> <p>À semelhança das taxonomias em segurança, seria vantajoso a sua aplicação à privacidade dos dados.</p> <hr/> <p>Uma linguagem comum, partilhada, de tradução das exigências da legislação.</p> <hr/> <p>Mais fácil de caracterizar as situações de privacidade.</p> <hr/> <p>Deve abranger os dados, e a sua classificação.</p>	<p>Facilita o processo de diálogo entre profissionais.</p> <hr/> <p>Facilitava o desenho de políticas de privacidade e a execução de medidas de proteção.</p> <hr/> <p>Funcionaria como um padrão, um modelo, uma orientação para as organizações.</p> <hr/> <p>Maior facilidade na distinção dos diferentes tipos de privacidade.</p> <hr/> <p>Maior agilidade na identificação e resolução de problemas.</p> <hr/> <p>Maior objetividade e compreensão das questões da privacidade.</p> <hr/> <p>Facilitador na caracterização do contexto, de um método de proteção, de um plano de contingência ou de segurança.</p>
	<p>P4.v2. Uma linguagem comum de privacidade promove uma maior agilidade na definição de políticas de privacidade, no desenvolvimento de mecanismos de controlo de conformidade (P5), e na sua integração com situações similares em outras organizações.</p>	<p>Suporte na definição</p> <hr/> <p>Facilitar a colaboração</p> <hr/> <p>Agilizar</p>	<p>Deve ser uma terminologia global, partilhada e conhecida por todas as partes e entre as organizações.</p> <hr/> <p>Facilita o trabalho dos profissionais de segurança.</p> <hr/> <p>Facilita o trabalho conjunto de colaboração, de interoperabilidade.</p>

